



# NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVENTIVIDADE E ESTRUTURA ARGUMENTAL

---

DALILA MARIA DE SOUZA\* | PAULA ROBERTA GABBAI ARMELIN\*\*

---

## RESUMO

O estatuto dos nominais zero, isto é, sem sufixo nominalizador fonologicamente realizado, tem sido alvo de debates no âmbito dos estudos linguísticos. De forma geral, a literatura especializada aponta que tais formações são incompatíveis com a estrutura argumental do verbo correspondente (GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2001; BORER, 2013). As nominalizações infinitivas do português brasileiro, no entanto, parecem apresentar um comportamento distinto: tais formações denotam evento e mantêm a estrutura argumental do verbo de base. Assim, seguindo Souza (2021), argumentamos, a partir do comportamento empírico de dados das nominalizações infinitivas do PB e com base nos diagnósticos de Grimshaw (1990), contra a ideia de que nominais zero são sistematicamente barrados do licenciamento de estrutura argumental.

**Palavras-chave:** nominalizações, eventividade, estrutura argumental

## ABSTRACT

The status of zero nominals, that is, nominals without a phonologically realized nominalizing suffix, has been subject of debate in linguistic studies. In general, the specialized literature points out that such formations are incompatible with the licensing of argument structure (GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2001; BORER, 2013). The infinitive nominalizations of Brazilian Portuguese, however, seem to present a different behavior: such formations denote event and maintain the argument structure of the base verb. Thus, following Souza (2021), we argue, based on the empirical behavior of BP infinitive nominalizations data, and on Grimshaw (1990)'s diagnoses, against the idea that zero nominals are systematically barred from the licensing of argument structure.

**Keywords:** nominalization, event reading, argument structure

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Programa de Pós-Graduação em Linguística. *E-mail:* dalila.masouza@gmail.com.

\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Programa de Pós-Graduação em Linguística. *E-mail:* armelin.paula@ufff.br.

## 1 INTRODUÇÃO

As discussões em torno da natureza das nominalizações vêm fomentando amplos debates nos estudos gerativistas. Basta rememorar a distinção entre nominalizações gerundivas e derivadas proposta em Chomsky (1970), que inaugura a chamada Hipótese Lexicalista, perspectiva que passa, então, a se consolidar no quadro gerativista através da ideia central de que o léxico é um componente gerativo capaz de produzir estruturas complexas do nível da palavra.

Na mesma direção de Chomsky (1970), Grimshaw (1990) reintroduz as nominalizações no centro das discussões ao apontar que os nominais derivados não formam uma classe homogênea. A autora propõe, então, que as nominalizações podem ser divididas em três diferentes classes, a saber, os nominais de evento complexo (*Complex Event Nominals*), os nominais de evento simples (*Simple Event Nominals*) e os nominais de resultado (*Result Nominals*), sendo que, entre outros fatores, a diferença crucial entre tais classes está no fato de que somente o primeiro tipo licenciaria uma estrutura argumental obrigatória.

Apesar da proposta de Grimshaw (1990) ser desenvolvida no âmbito das propostas lexicalistas, as propriedades empíricas apontadas pela autora vêm fomentando também análises de natureza sintática em que a presença de estrutura argumental seria, na verdade, fruto de projeções funcionais específicas responsáveis pela introdução dos argumentos relevantes. Nessa perspectiva, então, caberia distinguir entre um domínio verbal que licencia a presença de argumentos e um domínio nominal que projeta na estrutura sintática traços de natureza nominal. Nessa linha de raciocínio, é importante ressaltar que a releitura feita por Marantz (1997) a respeito do tratamento oferecido em Chomsky (1970) para as nominalizações é um dos trabalhos pioneiros da perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (MD), que surge, no início da década de 1990, exatamente como uma alternativa à perspectiva lexicalista.

Ainda que bastante sucinto, o percurso histórico acima delineado parece ilustrativo quanto à importância das nominalizações para os estudos gerativistas. Inserindo-se nesse debate, este trabalho revisita as nominalizações infinitivas (1a-c) do português brasileiro (PB). Para tanto, valemo-nos das nomenclaturas mais recentes na tipologia de nominalizações (BORER, 2013; IORDĂCHIOAIA, 2021) e vamos nos referir aos nominais identificados por Grimshaw (1990) da seguinte maneira: os de evento complexo serão chamados de nominais de estrutura argumental (ASNs), conforme ilustram os dados abaixo (1a,b,c) e as outras duas classes, a saber, os nominais de evento simples e de resultado, serão agrupadas sob o rótulo de nominais referenciais (RNs), conforme (1d).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tendo em vista a observação de um dos pareceristas sobre uma possível falta de naturalidade dos dados apresentados no presente trabalho, apontamos que todos os dados atendem às caracterizações aceitas na literatura para os ASN, foco deste trabalho. Uma alternativa para aferir a aceitabilidade dessas sentenças é a aplicação de testes de aceitabilidade, que é um objetivo futuro no âmbito dessa pesquisa.

- (1)
- a. O doar de livros pelos ex-alunos ajudou a criar o acervo da biblioteca.
  - b. O corrigir dos trabalhos pela banca foi interrompido por ordem do diretor.
  - c. O cantar dos pássaros emocionou a todos os visitantes.
  - d. O exame das provas pelo júri durou toda uma semana.

O paradigma em (1) acima, traz dados do PB que ilustram a divisão entre ASNs e RNs. Nos dados de (1a, b, c) podemos observar a manutenção da estrutura argumental da forma de base, bem como a ocorrência de uma leitura de evento nas sentenças. Em contrapartida, o dado em (1d), não apresenta leitura eventiva, denotando o resultado do evento de “examinar as provas pelo júri”, a outra propriedade apontada nos dados para os ASNs, isto é, a manutenção da estrutura argumental, também não parece ocorrer nesse dado, evidenciando que os nominais referenciais não parecem apresentar a exigência de manutenção da estrutura argumental da forma verbal de base.

Mais especificamente, incluímos as nominalizações infinitivas do PB no contexto das chamadas nominalizações zero, que não apresentam um afixo nominalizador fonologicamente realizado. Esse tipo de nominalização também tem chamado a atenção dos pesquisadores e seu estatuto permanece ainda como um debate relevante para as teorias linguísticas<sup>2</sup>. Grimshaw (1990), por exemplo, propõe que a nominalização zero não forma ASNs, mas somente RNs, o que equivale a dizer que as nominalizações zero não apresentam estrutura argumental. Nas abordagens sintáticas de formação de palavras, como a MD e o modelo Exoesqueletal (BORER, 2003), a perspectiva mais difundida é a de que RNs são derivações a partir da raiz, enquanto ASNs são nominais derivados de verbos categorizados, dos quais herdamos estrutura funcional (ALEXIADOU, 2001; BORER, 2013). Por outro lado, Lordãchioaia (2021) aponta que os nominais zero nem sempre se comportam como derivações a partir de uma raiz, tendo o potencial de licenciar estrutura argumental. Contribuindo para fomentar essa discussão, apontamos, a partir de argumentos empíricos, que as nominalizações infinitivas do PB tratadas neste trabalho<sup>3</sup> são ASNs. Tal assunção nos leva à implicação que, conseqüentemente, as nominalizações zero podem apresentar estrutura argumental obrigatória.

<sup>2</sup> Para aprofundamento nas discussões sobre nominais deverbiais não afixais no PB, indicamos a leitura de Lobato (1999).

<sup>3</sup> Reconhecemos a existência de outros tipos de infinitivos no PB para além dos ASNs discutidos neste artigo. Por razões de escopo, nosso foco é mostrar que nominais zero podem ter estrutura argumental. Dessa forma, não desenvolvemos uma discussão sobre os outros tipos de infinitivo da língua. Para uma visão mais ampla nessa perspectiva, remetemos o leitor a Resende (2020).

## 2 OS NOMINAIS ZERO NA LITERATURA: A ABORDAGEM DE BORER (2013)

Tomando os nominais zero como domínio empírico para articular o modelo Exoesqueletal, Borer (2013) valida a generalização de Grimshaw (1990), observando que, de maneira geral, os nominais zero são sistematicamente barrados da formação de ASNs.

- (2)
- a. \*the walk of the dog for three hours  
\*‘O passear do cachorro por três horas.’
  - b. \*the dance of the fairy for a whole evening  
\*‘O dançar da fada por uma noite inteira.’
  - c. \*the (gradual) fall of the trees for two hours/in two minutes  
\* ‘O cair (gradual) das árvores por duas horas/em dois minutos.’
  - d. \*the salute of the officers by the subordinates  
\*‘O saudar dos oficiais pelos subordinados.’
  - e. \*the import of goods from China in order to bypass ecological regulations  
\*‘O importar de mercadorias da China para contornar os regulamentos ecológicos.’

(BORER, 2013, p. 332)

- (3)
- a. the walking of the dog for three hours  
‘O passeio do cachorro por três horas.’
  - b. the dancing of the fairy for a whole evening  
‘A dança da fada por uma noite inteira.’
  - c. the (gradual) falling of the trees for two hours (multiple events)  
‘A queda (gradual) das árvores por duas horas (eventos múltiplos).’
  - d. the saluting of the officers by the subordinates  
‘A saudação dos oficiais pelos subordinados.’
  - e. the viewing of the results by the visiting committee  
‘A visualização dos resultados pelo comitê visitante.’

(BORER, 2013, p. 332)

Enquanto os dados em (2a-e) apontam que os nominais zero não podem ter estrutura argumental, os argumentos passam a ser licenciados nas nominalizações em *-ing* apresentadas em (3a-e). A análise de Borer (2013) para derivar esse contraste conta com a articulação de um sistema que dispensa, por oposição à MD, a ocorrência de núcleos categorizadores. Mais especificamente, o comportamento dos nominais zero é derivado

pela autora a partir de uma categorização contextual, em que raízes sem categoria se concatenam com segmentos de projeção estendida e, assim, tornam-se, efetivamente, equivalentes da categoria nominal naquele contexto estrutural.

- (4) a. [<sub>D</sub> the [<sub>C=N</sub> admit ] ] [<sub>D</sub> O [<sub>C=N</sub> admitir ] ]  
 b. [<sub>#</sub> much [<sub>C=N</sub> love ] ] [<sub>#</sub> muito [<sub>C=N</sub> amor ] ]  
 c. [<sub>CL</sub> raid-s [<sub>C=N</sub> raid ] ] [<sub>CL</sub> raid-s [<sub>C=N</sub> ataque ] ]

(BORER, 2013, p. 335)

Nas formações (4a-c) acima, a categoria da raiz é definida, respectivamente, pelo Determinante em (4a), pelo quantificador em (4b) e pelo núcleo Classificador, relacionado à expressão da pluralidade em (4c). Um dos argumentos elencados por Borer (2013), tal como reportado em Iordăchioaia (2021), para uma derivação de nominais zero diretamente da raiz, como em (4), é a possibilidade de que tais nominais apresentem uma alteração de acento em relação ao verbo correspondente, tal como apontado em Kiparsky (1982). Nas abordagens sintáticas de formação de palavras, tais alterações de natureza fonológica são tomadas como diagnóstico de relações de localidade na estrutura sintática:

- (5) a. permit<sub>[V]</sub> > pérmit<sub>[N]</sub> ('permitir' > 'o permitir')  
 b. progréss<sub>[V]</sub> > prógrèss<sub>[N]</sub> ('progredir' > 'o progedir')

(IORDĂCHIOAIA, 2021, p. 238)

Segundo Borer (2013), ASNs devem necessariamente incluir uma estrutura verbal e o comportamento dos nominais zero está diretamente relacionado ao fato de que eles não contêm projeções desta natureza. A esse respeito, Borer (2013) aponta, como sistematizado em Iordăchioaia (2021), que, se os nominais zero fossem capazes de incluir uma estrutura verbal em sua composição, eles deveriam também estar disponíveis com formas verbais complexas que incluem afixos verbalizadores fonologicamente realizados, o que não parece ser uma possibilidade.

- (6) a. crystal(l)-ize > \*the crystal(l)-ize-.n (cf. crystallization ('cristalização'))  
 b. acid-ify > \*the acid-ify-.n (cf. acidification ('acidificação'))

(IORDĂCHIOAIA, 2021, p. 239)

Mais precisamente, então, na abordagem de Borer (2013) nominais zero do inglês são raízes em um contexto nominal, sem nenhuma estrutura adicional. Dessa forma, nominais zero são verdadeiramente monomorfêmicos, abordagem que não seria possível de ser articulada com categorizadores, cuja presença aumentaria a complexidade estrutural da formação.

Na próxima subseção, veremos como as generalizações de Borer (2013) podem apresentar alguns desafios empíricos, detectados a partir do trabalho de Iordăchioaia (2021) para o inglês.

### 3 NOMINAIS ZERO DO INGLÊS E OS CONTRASTES EMPÍRICOS DE IORD CHIOAIA (2021)

Segundo Iordãchioaia (2021), a generalização de que os nominais zero do inglês não podem formar ASNs é desafiada por contraexemplos encontrados em *corpora* de texto natural. A autora se utiliza de dados disponíveis no site <www.english-corpora.org> (DAVIES; FUCHS, 2015; DAVIES, 2017): COCA (*Corpus of Contemporary American English*), NOW (*News on the Web*) e GloWbE (*Corpus of Global Web-based English*).

Como parecem apontar os dados a seguir, é possível encontrar nominais zero do inglês realizados com estrutura argumental:

- (7) a. Trump defended his salute of one of Kim's generals. (NOW)  
'Trump defendeu sua saudação a um dos generais de Kim.'
- b. Dave headed off for his first daily walk of the dog. (GloWbE)  
'Dave saiu para sua primeira caminhada diária com o cachorro.'
- c. I have made the conscious choice not to exercise much beyond a brisk walk of the dog. (GloWbE)  
'Fiz a escolha consciente de não me exercitar muito além de um passeio rápido com o cachorro.'

(IORDÃCHIOAIA, 2021, p. 240)

Ainda segundo a autora, a alteração da acento, apesar de ser, de fato, uma propriedade dos nominais zero, não bloqueia automaticamente a realização da estrutura argumental. Como pode ser visto em (8), há alteração de acento na comparação das formas de *import*. Mesmo assim, o nominal correspondente pode apresentar estrutura argumental (9a-b).

(8)  $\text{impórt}_{[V]} > \text{íport}_{[N]}$  ('importar')

- (9) a. And ending that also means ending import of slaves. (GloWbE)  
'E acabar com isso também significa acabar com a importação de escravos.'
- b. Tokyo allowed the continued import of South African coal (COCA)

(IORDÃCHIOAIA, 2021, p. 240)

Na mesma linha de Iordãchioaia (2021), apontamos, na próxima seção, que os dados de nominalizações infinitivas do PB também parecem se configurar como um contraponto à generalização de Borer (2013), uma vez que seu comportamento é compatível com o dos ASNs, apesar de não terem um afixo nominalizador fonologicamente realizado.

## 4 AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS DO PB COMO ASNS

Inicialmente, é interessante ressaltar que, seguindo Souza (2021), rejeitamos a ideia de que o afixo *-r* seja homófono entre o comportamento derivacional e flexional, contra Miguel (1996) para o espanhol, Brito (2012) para o português europeu e Resende (2020) para o PB. Assim, não estamos analisando tal morfema como a realização de um afixo categorizador. Um dos argumentos que parecem sustentar essa ideia é que o morfema *-r* ocorre nas formas infinitivas, ainda que estas não estejam nominalizadas. Da mesma forma, é importante ressaltar que a simples ocorrência do morfema *-r* não é suficiente para nominalizar a forma infinitiva, que necessita de um determinante fonologicamente realizado<sup>4</sup> ou de um elemento que revele a existência da camada DP, tal como fazem os possessivos por exemplo.

- (10) a. \*Cantar dos pássaros alegrou a todos.  
 b. O cantar dos pássaros alegrou a todos.  
 c. Seu cantar alegrou a todos.

O que os dados acima apontam é que a inserção da forma infinitiva em uma posição canônica de nome, mas sem a camada de DP realizada, tal como acontece em (10a), resulta em um dado agramatical, o que parece apontar para o fato de que a marca *-r* não integra a camada nominal da formação já que sozinha não poderia garantir o estatuto nominal da formação.

A partir desse raciocínio, esta subseção tem por objetivo contribuir para a descrição dos nominais infinitivos do PB a partir dos diagnósticos propostos em Grimshaw (1990) e sistematizados na tabela a seguir, especificamente apontando para a compatibilidade entre o comportamento dos ASNs e os nominais infinitivos.

**TABELA 1 — ASNS NA TIPOLOGIA DE GRIMSHAW (1990)**

Propriedade	ASN
a. Interpretação	Leitura de evento
b. Estrutura Argumental	Obrigatória
c. Modificadores agentivos	Licenciam modificadores orientados para o agente
d. <i>By phrase</i>	Licenciam <i>by phrase</i>
e. Modificadores aspectuais	Licenciam modificadores aspectuais
f. Controle	Licenciam controle de argumento implícito
g. Número	Não podem ser pluralizados

Fonte: adaptado de Souza (2021, p.76-77)

4 Um parecerista sugere que o que torna (10a) agramatical é a incompatibilidade de nomes nus com a leitura episódica, já que no PB a ausência de determinante, em posição argumental, parece provocar uma leitura genérica. Entendemos que, de fato, o PB parece apresentar essa genericidade, no entanto, no âmbito dessa pesquisa, associamos a obrigatoriedade de um elemento que evidencie a nominalização dessa estrutura à presença do DP.

A primeira propriedade diz respeito à leitura de evento atrelada a tais formações. Os nominais infinitivos do PB apresentam leitura eventiva, como aponta o paradigma a seguir<sup>5</sup>:

- (11) a. O corrigir das provas pelo professor demanda toda a semana de trabalho.  
b. O cantar dos pássaros me confortou no período de luto.  
c. O falir das grandes empresas prejudica toda a classe trabalhadora.

Como se pode notar, nos dados em (11a), temos que o evento de corrigir as provas é que demanda que o professor se dedique toda uma semana, em (11b), novamente, temos que o evento de cantar<sup>6</sup> dos pássaros foi o que gerou o conforto no interlocutor e, em (11c), o mesmo comportamento pode ser observado. Em contraste, as sentenças a seguir, em que os infinitivos nominais estão inseridos em contextos que buscam forçar uma leitura de resultado, são agramaticais.

- (12) a. \*O corrigir das provas está em cima da mesa.  
b. \*O examinar do paciente deu negativo.

Nesse mesmo sentido, é interessante ressaltar que o contraste entre as formações em (11) e (12) revela que a presença de estrutura argumental e de leitura eventiva parecem estar relacionadas, uma vez que a alteração na interpretação eventiva da sentença tem como consequência a alteração também no licenciamento de estrutura argumental. A respeito especificamente da estrutura argumental, Grimshaw (1990) propõe que os ASNs, em oposição aos RNs, apresentam estrutura argumental obrigatória e, na nossa percepção, esse é também o caso dos infinitivos nominais do PB, como evidenciam os dados em (13) a seguir:

- (13) a. \*O gritar assustou os médicos.  
b. O gritar da criança assustou os médicos.  
c. \*O corrigir demanda toda a semana de trabalho.  
d. O corrigir das provas pelos professores demanda toda a semana de trabalho.

Por outro lado, em uma estrutura de RNs, evidenciada, por exemplo, pela alternância entre o infinitivo nominal e outros tipos de formas nominalizadas, tal como se pode ver a seguir, a obrigatoriedade de estrutura argumental parece não ser necessária:

- (14) a. O grito assustou os médicos.  
b. A correção demanda toda a semana de trabalho.

5 Como as discussões feitas no âmbito deste trabalho são no domínio da produtividade e não da produção propriamente dita, ficam fora do nosso escopo as discussões a respeito de um possível bloqueio morfológico em relação a outras possibilidades de nominalizações, como em “correção e “falência”, por exemplo.

6 Interessante ressaltar que a preposição associada ao agente em “o cantar dos pássaros” é “de”, cuja natureza, em contraposição à preposição “por”, é um ponto importante de discussão.

Atrelada à obrigatoriedade de argumentos, outra propriedade importante dos ASNs, a partir da proposta de Grimshaw (1990), é a possibilidade de inserção de modificadores agentivos. Os nominais infinitivos do PB, quando apresentam um verbo de base agentiva, também acabam por licenciar esse tipo de modificação.

- (15) a. O interromper proposital da pauta da reunião irritou o diretor.  
b. O quebrar das velhas paredes com marteletes facilitou a reforma da casa.

Os dados acima apontam que o licenciamento de modificadores reveladores da presença de um agente, tais como *proposital* em (15a) e também o modificador instrumental *com marteletes* em (15b), é possível nos nominais infinitivos do PB, o que parece apontar para a existência de um agente nessas formações.

Além dos modificadores agentivos, a proposta da autora também traz como diagnóstico na sua tipologia de nominais a possibilidade de modificação de um ASN com um PP agentivo, ou mais especificamente através de uma *by phrase*. Como previsto, tal elemento também é permitido na nominalização infinitiva do PB.

- (16) O interromper proposital da pauta pelos militantes irritou o diretor.

Da mesma maneira, outra propriedade apontada na descrição dos ASNs é a ocorrência de modificadores aspectuais de natureza adverbial. É importante notar, então, que esse tipo de modificação também é possível quando o que está em jogo são os nominais infinitivos do PB, como se pode ver em (17), a seguir:

- (17) a. O cantar dos pássaros *durante toda a madrugada* é ensurdecedor.  
b. O treinar *todos os dias* é o que qualifica os atletas olímpicos.  
c. O discursar do presidente *por duas horas* inflamou os operários.

Além disso, os infinitivos nominais, assim como os ASNs, permitem estruturas de controle que sugerem a presença de um argumento implícito, como evidenciado a seguir:

- (18) a. O traduzir do livro pelos editores para acessar um público mais amplo foi uma ótima ideia.  
b. O organizar das leituras pelos professores para ajudar os alunos durante o ano letivo foi uma ótima ideia.

Os verbos *acessar* e *ajudar* em (18a-b), acima, são formações que apresentam argumento externo. O ponto central do diagnóstico apontado por esses dados é que tal elemento não está explicitado na estrutura argumental desses predicados propriamente, mas é possível interpretá-lo através do controle exercido, por exemplo, pelos PPs agentivos associados às formações *traduzir* e *organizar* na primeira parte das sentenças.

A última característica que selecionamos na comparação entre os ASNs e os infinitivos nominais do PB diz respeito à impossibilidade de pluralização dessas formações. A variação de número é uma propriedade tipicamente licenciada no domínio nominal que, no entanto,

não é, de maneira geral, licenciada nem nos ANs, nem nos infinitivos nominais, tal como fica evidente nos dados a seguir:

- (19) a. \*Os corriges das provas pelo professor
- b. \*Os cantares do coral
- c. \*Os dançares dos bailarinos

Em contrapartida, vale salientar que os RNs, ao contrário do que ocorre nos nominais infinitivos, licenciam a pluralização mais facilmente, como se pode ver em (20):

- (20) a. As correções das provas estão na mesa.
- b. Os exames duraram duas horas.

Em suma, as propriedades elencadas nesta seção delimitam um aspecto importante da natureza das nominalizações infinitivas do PB, apontando para o fato de que tais infinitivos nominais do PB parecem, ainda que sem um categorizador fonologicamente realizado, apresentar um comportamento correspondente aos ASNs.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisa o comportamento empírico de um conjunto de nominalizações infinitivas do PB, tomando como base as propriedades propostas em Grimshaw (1990) para o diagnóstico de nominais de estrutura argumental. Assim, a partir da aplicação desse conjunto de propriedades identificamos as nominalizações infinitivas do PB como ASNs, uma vez que tais formações são eventivas e licenciam estrutura argumental.

Além disso, propomos que o morfema *-r* nos nominais infinitivos do PB não seja a realização de um afixo categorizador, uma vez que a simples ocorrência do morfema *-r* não é suficiente para nominalizar a forma infinitiva, que necessita de um determinante fonologicamente realizado ou de um elemento que revele a existência da camada DP.

Finalmente, o comportamento dos infinitivos nominais do PB como ASNs, aliado ao fato de tais formações serem instâncias de nominais zero, traz um interessante ingrediente para o debate em torno dessas nominalizações, ao contrariar a hipótese assumida na literatura especializada que, de forma geral, aponta que nominais zero são incompatíveis com estrutura argumental (GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2001; BORER, 2013).

## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, Artemis. *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamins, 2001.

ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit (ed.). *Nominalization: 50 Years on from Chomsky's Remarks*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

BORER, Hagit. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, John; POLINSKY, Maria (ed.). *The Nature of Explanation in Linguistic Theory*. Chicago: University of Chicago Press (CSLI), 2003. p. 31–67.

BORER, Hagit. *Taking Form: Structuring Sense*, v. III. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BRITO, Ana Maria. A nominalização do infinitivo no português europeu: aspectos sintáticos e semânticos. In: *Textos selecionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2011, Lisboa: APL, p. 88-120, 2012.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (ed.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn & Co, 1970. p. 184-221.

DAVIES, Mark. *The new 4 billion word NOW corpus, with 4–5 million words of data added every day*. Corpus Linguistics. Birmingham: University of Birmingham, 2017.

DAVIES, Mark; FUCHS, Robert. *Expanding horizons in the study of World Englishes with the 1.9 billion-word Global Web-based English Corpus (GloWbE)*, *English World-Wide*, v. 36, n. 1, p. 1-28, 2015.

GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure* Cambridge, Mass: The MIT Press. 1990.

IODĂCHIOAIA, Gianina. Categorization and nominalization in zero nominals. In: ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit (ed.). *Nominalization: 50 Years on from Chomsky's Remarks*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

KIPARSKY, Paul. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: HULST, Harry van der; SMITH, Norval (ed.). *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 131-175.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander (ed.). *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, p. 201-225, 1997.

MIGUEL, Elena. Nominal Infinitives in Spanish: An Aspectual Constraint. *Canadian Journal of Linguistics*, v. 41, n. 1, p. 29-53, 1996.

RESENDE, Maurício Sartori. *A Morfologia Distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2020.

SOUZA, Dalila Maria de. *A nominalização em uma perspectiva sintática: estatuto categorial e estrutura funcional das nominalizações infinitivas do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

*Squib* recebido em 5 de dezembro de 2021.

*Squib* aceito em 17 de fevereiro de 2022.